

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



MONO NO AWARE
(epílogo)

Héloïse Charlotte Maréchal

Trabalho de Projeto
Mestrado em Arte Multimédia
Especialização em Imagem em Movimento

Trabalho de Projeto orientado pelo Prof. Doutor José Carlos Pereira
e co-orientado pela Prof.^a Doutora Catarina Mourão

2024

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu, Héloïse Charlotte Maréchal, declaro que o presente trabalho de projeto de mestrado, intitulado “mono no aware (epílogo)”, é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia ou outras listagens de fontes documentais, tal como todas as citações diretas ou indiretas têm devida indicação ao longo do trabalho segundo as normas académicas.

O Candidato

Lisboa, 27 outubro 2024

RESUMO

Este ensaio — que é uma extensão do filme *mono no aware* (物の哀れ) — é uma reflexão sobre a noção de *transience* no espaço, no tempo e no pensamento. Na medida em que não se pretende respostas ontológicas, o resultado é uma meditação sobre alguns temas já existentes como o conceito de *methexis*, *metaxú*, liminaridade, e temporalidade do ser. É também feita uma leitura especulativa acerca do trabalho de alguns autores que pensaram nestes temas e cujo objetivo é induzir uma reflexão no leitor/espectador sobre natureza da experiência humana no espaço, no tempo e no pensamento num período de aceleração e fragmentação. A ideia de movimento é um ponto importante, assim como um olhar contemplativo sobre o fluxo imagético e o seu papel na construção de uma paisagem imaginária, na procura de um *dépaysement* ficto, num mundo que escapa cada vez mais ao nosso entendimento.

Palavras-Chave:

Transiente; Tempo; Espaço; Pensamento

ABSTRACT

This essay — which is an extension of the film *mono no aware* (物の哀れ) — is a reflection on the notion of *transience* in space, time and thought. To the extent that ontological answers are not intended, the result is a meditation on some already existing themes such as the concept of *methexis*, *metaxú*, liminality, and the temporality of being.

A speculative reading is also made about the work of some authors who have thought about these themes and whose objective is to induce a reflection in the reader/spectator about the nature of human experience in space, time and thought in a period of acceleration and fragmentation. The idea of movement is an important point, as well as a contemplative look at the image flow and its role in the construction of an imaginary landscape, in search of a fictitious *dépaysement*, in a world that increasingly escapes our understanding.

Keywords:

Transient; Time; Space; Thought

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar aos meus orientadores, pela partilha e apoio, assim como a todos os docentes que acompanharam o processo de que resultou o trabalho.

Agradeço também a todos os que tiveram paciência e curiosidade na evolução dos temas que me propus observar.

ÍNDICE

— INTRODUÇÃO — p.7

1. PRIMEIRO PONTO / GEORGE PEREC — p.8
2. ESPAÇO — p.10
3. PONTO / TEMPO / *MATHESIS* — p.12
4. *TRANSIENT / MONO NO AWARE / TRANSIENT PHENOMENON* — p.14
5. SIMONE WEIL / *METAXÚ* — p.18
6. PLATÃO / PARMÉNIDES / *METAXÚ / METHEXIS* — p.21
7. HEIDEGGER / *DASEIN* — p.24
8. *EBENSEIN* / CONCLUSÃO — p.26
9. APÊNDICE I — Ficha técnica — p.28
10. APÊNDICE II — Script — p.29
11. APÊNDICE III — Stills — p.46

— ANEXO I — Versão original dos textos que foram traduzidos — p.61

— BIBLIOGRAFIA — p.67

its [the essay's] efforts reflect the leisure of a childlike person who has no qualms about taking his inspiration from what others have done before him. The essay reflects what is loved and hated instead of presenting the mind as creation ex nihilo on the model of an unrestrained work ethic. Luck and play are essential to it. It starts not with Adam and Eve but with what it wants to talk about; it says what occurs to it in that context and stops when it feels finished rather than when there is nothing to say. (Adorno, 1931)

INTRODUÇÃO

Este ensaio, é um complemento, ou melhor, uma extensão, do filme *mono no aware* (物の哀れ) que constituí a parte prática do projecto, e neste sentido a palavra epílogo é adequada. Mas embora os dois elementos façam parte de um todo, e que haja uma continuidade nos temas centrais — espaço, tempo, pensamento — cada um dos elementos pode seguir um caminho independente; não é necessário ter conhecimento de ambos. Este epílogo aprofunda o pensamento do filme, mas sem traí-lo. Sendo que o objectivo é dar que pensar, torna-se essencial deixar espaço para que tal possa acontecer.

Uma vez situado o leitor, a primeira questão que se coloca — se é que é necessário colocar uma questão para começar — é por onde começar? Esta questão inevitavelmente dá origem a outras questões, como por exemplo: “*Será que existe começo ou um ponto de partida?*”; “*Onde será o começo ou ponto de partida?*”; ou ainda: “*Será o lugar e/ou o momento em que se começa sempre e somente um ponto de partida e vice versa?*”.

A marcação de um ponto implica ou subentende que a partir daí se possam marcar outros pontos, em relação ao primeiro. Neste caso, se a decisão for marcar um *ponto de partida*, esta marca — o ponto em si — subentende outras marcas, outros pontos. Um ponto de partida *A* subentende um ponto final *B* ou *C* — não necessariamente um *Z* como se poderia esperar — e entre estes uma extensão de pontos mais genéricos — de pontos *intermédios* — que une os dois primeiros, ou os separa. Na verdade qualquer ponto — no espaço, no tempo e no pensamento — é tanto ponto de partida como ponto final, ou ainda qualquer outro ponto intermédio. E qualquer ponto se distancia mais ou menos — ou talvez nada — de outro qualquer, e isso no espaço, no tempo e no pensamento, ainda que, se for o caso, de formas diferentes.

Este ensaio ocupa-se não só da relação entre conceitos de espaço, tempo e pensamento, mas também reflecte sobre a noção de direcção assim como de distância — entre cada

um deles e em cada um deles — num momento histórico em que as concepções de espaço e tempo se vêem estilhaçadas.

Sem ter intenção de fazer referências fora de sítio, e sublinhando o carácter ensaístico e artístico — quiçá — deste texto, será feito um quadro especulativo, uma paisagem de ideias e de pensamento em torno destas questões — e de quem a propósito se tenha questionado também — sendo o próprio texto um questionamento; a sua leitura deverá pois começar num *ponto*, mas, fosse o caso, poderia começar em qualquer *outro ponto*.

Assim irá *de ponto em ponto*, talvez seja o papel do leitor uni-los:

Ao conceder uma textura à experiência temporal do ser humano, a hermenêutica tematiza os referentes das obras ficcionais, não enquanto realidade que se estrutura segundo as suas leis e códigos linguísticos internos, ou a partir da tentativa de reconstituição da subjetividade do seu autor, mas antes refigurando o mundo do enredo ficcional (extensível a todas as obras de arte) como possibilidade de constituição do mundo do leitor e do espectador.
(Pereira, 2023, p.23)

1. PRIMEIRO PONTO / GEORGE PEREC

O *ponto de partida* é uma *passagem* de um livro do autor francês George Perec, e talvez seja necessário falar um pouco do autor em primeiro lugar, para dar contexto, falar da sua vida em primeiro lugar e do seu trabalho em segundo. De uma forma muito sucinta o autor nasce em Paris pouco antes da Segunda Guerra Mundial, filho de pais imigrantes — judeus polacos que vieram para França na década de 1920. A Segunda Grande Guerra acaba por levar tanto o pai na frente quanto a mãe num campo de concentração — provavelmente Auschwitz — e, tendo sido adotado por uma tia paterna, cresce em Paris, onde acaba por começar estudos de letras que abandona pouco depois. Nesta mesma altura começa a escrever, não só para trabalhos substanciais como ensaios,

críticas para revistas literárias e traduções, mas também enquanto autor. Trabalha também durante algum tempo enquanto documentalista em neurofisiologia no CNRS (*Centre National de Recherche Scientifique*). Publica o seu primeiro romance em 1965, *Les Choses* (Perec, 1965), e dois anos mais tarde entra num grupo chamado *OuLiPo* (abreviação de *Ouvroir de Littérature Potentielle*), o que irá influenciar a sua obra daí em diante. O grupo *OuLiPo* era um grupo de investigação literária sobretudo composto de escritores e/ou matemáticos que tinha por objetivo encontrar novas *potencialidades* na linguagem e na expressão através da auto-imposição de restrições como por exemplo no caso de lipogramas (frases ou palavras que não podem conter uma letra do alfabeto), palíndromos (frases ou palavras que se podem ler da frente para trás ou de trás para a frente) ou anagramas (utilizar as mesmas letras para produzir frases ou palavras diferentes). Italo Calvino é outra figura que também fez parte deste grupo.

O que marca o trabalho deste autor é, por um lado, a questão mais formal, marcada pela originalidade do uso da escrita, e, por outro, os temas que ele aborda, tanto na forma como no discurso e de maneira complementar. Em ambos, o seu percurso pessoal tem uma grande influência; temas como espaço, identidade, perda, memória e ausência são frequentes nos seus livros, sejam eles romances ou ensaios. Um exemplo óbvio é o seu livro *La Disparition* (Perec, 1969), em que, ao longo de cerca de trezentas páginas, o autor não utiliza uma única vez a letra *e* — que é por sua vez a letra mais utilizada em francês. Noutro livro, intitulado *La vie mode d'emploi* (Perec, 1978) — que lhe vale o prémio Médicis no mesmo ano —, George Perec escreve à medida que circula, e de forma metódica, no espaço de num prédio parisiense onde várias histórias coabitam tornando a leitura um género de labirinto em que cada capítulo corresponde a outra divisão, tanto do espaço como da realidade das narrativas que aí se cruzam.

O autor, cedo órfão e expatriado, explora os temas da perda, da ausência, de um desenraizamento, de identidade — ou falta dela — e da memória, mas fá-lo num tom lúdico; joga com as palavras, com o seu significado — e com *significado* de forma geral — entre aquilo que diz e não diz, entre ficção e autobiografia. Através das palavras e da

escrita Perec explora também a sua experiência pessoal; em *W ou le Souvenir d'enfance* (Perec, 1975) escreve: *Escrevo porque deixaram em mim a sua marca indelével cujo rasto é a escrita: a sua memória morreu na escrita*¹. Por um tempo verbicrucista, também faz notar uma preocupação *espacial*, uma necessidade de marcar pontos, posicioná-los, tentar defini-los, de encontrar uma relação entre eles, mesmo que essa relação seja apenas o resultado de um constrangimento, de uma limitação. Este autor terá tentado através da escrita purgar um sentimento de desenraizamento? Desenraizamento será o resultado de um *dépaysement* sem volta a dar, sem retorno.

2. ESPAÇO

Essa preocupação com o espaço é transversal à obra de George Perec, mas é o tema central de um ensaio seu intitulado *Espèces d'Espaces* (Perec, 1974), o qual nos traz de volta à *passagem*, que poderá ser neste caso *um ponto de partida*:

espaço (continuação e fim)

Gostaria que existissem lugares estáveis, imóveis, intangíveis, intocados e quase intocáveis, imutáveis, enraizados; lugares que fossem referências, pontos de partida, nascentes:

(...)

Tais lugares não existem, e é por não existirem que o espaço se torna uma questão, deixa de ser evidencia, deixa de ser incorporado, deixa de ser apropriado. O espaço é uma dúvida: tenho de marcá-lo constantemente, designá-lo; nunca é meu, nunca me é dado, tenho de conquistá-lo.

Os meus espaços são frágeis: o tempo irá desgastá-los, irá destruí-los: nada se assemelhará ao que era, as minhas memórias trair-me-hão, o esquecimento infiltrar-se-há na minha memória (...)

¹ Original no Anexo I (tradução de autoria própria).

O espaço derrete como a areia flui entre os dedos. O tempo leva-o e deixa-me apenas fragmentos disformes:

Escrever: tentar meticulosamente reter algo, fazer com que algo sobreviva: arrancar alguns fragmentos precisos do vazio que se escava, deixar, algures, um sulco, um rasto, uma marca ou alguns sinais. (Perec, 1974)²

O livro, do qual foi retirada esta *passagem*, é uma espécie de ensaio na primeira pessoa, um gabinete de curiosidades em formato de livro — por assim dizer uma *espécie de espaço* ou um *espaço específico* —, em que as experiências pessoais se misturam de uma forma próxima, mas clínica, com humor e distância. Ao longo do livro, que questiona o espaço em que se vive — em que o autor vive e em que nós vivemos —, o autor parte da página em branco e a cada capítulo reflecte sobre outro espaço familiar, ligeiramente maior que o anterior, passando assim para a cama, o quarto, o apartamento, etc., até tentar definir o inabitável, e termina com a *passagem* citada. O livro em questão, apesar de estar construído em torno de espaços físicos familiares como o quarto ou o apartamento, toca também questões como a memória, a interpretação, a forma como a nossa própria reflexão se transforma talvez noutra espaço, que existe somente no acto de pensar, e na maneira como o tempo de certa forma actua sobre esse outro espaço. O objectivo não é tanto tentar definir a natureza destes espaços, mas de certa forma pensá-los, questioná-los, repensá-los, e fazer do resultado um outro espaço — ou mais até — que inevitavelmente nasce do acto de pensar, ou, como no caso da apropriação, do processo que torna algo que não nos é familiar em algo surpreendentemente íntimo.

Seguindo o exemplo de George Perec, sublinha-se a importância de jogar com as palavras, jogar com a definição de maneira a que esta perca a rigidez e se torne polimorfa, podendo assim tratar definições com alguma distância e da mesma forma que a distância actua sobre a percepção visual, talvez outro tipo de distância actue sobre a percepção das ideias — sobre a *percepção ideal*. Como na apropriação, o significado

² Original no Anexo I (tradução de autoria própria).

altera-se, aquilo que estava inicialmente definido, delimitado, ganha novos contornos, outros contornos. A apropriação, seja em que domínio for, só é possível através da reflexão, do acto de pensar, e o pensamento — a existência consciente — apenas se dá no tempo. A apropriação — o tornar seu — é, de certa forma, de um ponto de vista mais abrangente e existencial, o que permite dar significado à existência — não só a própria existência, mas também *A Existência*.

3. PONTO / TEMPO / *MATHESIS*

Na tentativa de cernar o *ponto existencial* e de ilustrar algumas ideias, faz-se a leitura de *outras passagens*, de outros autores. De certa forma faz-se uma composição, que passa pela compilação de diversos escritos, de diversas escrituras — não seria a primeira vez que assim se faz.

Desta vez um livro intitulado *Elements of Physiophilosophy* (Oken, 1847). Este livro foi escrito por um naturalista alemão chamado Lorenz Oken, e situa-se no pensamento da filosofia natural — *romantische Naturphilosophie* — que surge no contexto do idealismo alemão. Com acento na palavra *romantische*, a filosofia natural enquanto *Naturphilosophie*, a distinguir da filosofia natural clássica, é vista como *ciência especulativa* — que se inspira por momentos no trabalho de Espinosa — vê o mundo como uma totalidade, uma intersecção entre metafísica e empirismo. Sendo que o mundo é de quem o pensa, na consciência está a unidade — *o ponto* — situado entre polaridades — espaço e tempo, matéria e mente, passado e futuro, *ponto* e *não-ponto* — voltando às preocupações pré-socráticas, das quais o *ser* e o *não-ser* de Parménides. Na leitura que se faz aqui, lembrando a preocupação geométrica de Espinosa — e deixa-se bem claro que esta não é uma leitura nem científica nem filosófica, mas sim especulativa e poética — interessa sobretudo a primeira parte do livro em questão, intitulada *Mathesis*, que trata de questões do campo da metafísica e da física — tempo, polaridade, movimento, ponto e linha.

A reflexão sobre o espaço que aqui se faz — ou qualquer reflexão na verdade — dá lugar a outro espaço, o espaço da consciência ou do pensamento, deixando de parte as questões da moral, mas apenas enquanto capacidade de perceber a própria existência como *um ponto* diferenciado de *outros pontos*, o que nos traz de volta à *romantische Naturphilosophie*, neste caso à *Physiophilosophy* de Lorenz Oken: *A auto-manifestação do acto primário é a auto-consciência*. (Oken, 1847)³. A existência é um ponto no espaço e no tempo, sendo estes dois vistos como infinitos; a finitude está no ponto em si mesmo. E sem concordar com tudo o que se diz nesta obra, alguns trechos despertam interesse em relação à ideia do presente texto:

b. MOVIMENTO, TEMPO. (Segunda forma do Acto Primário.)

72. A ideia primária só opera enquanto posiciona; todavia, através do posicionamento surge uma sucessão de posicionamentos, ou números; posicionamento e posicionamento sucessivo são uma só coisa. A função da ideia primária consiste numa repetição eterna da essência; o acto primário é um acto contínuo e auto-repetitivo. A repetição do acto primário desprovido de outro substrato é o Tempo. (...) O tempo é a sucessão infinita dos números ou das nadas matemáticos [zero]. O acto de matematizar e numerar é o Tempo. Os números, porém, são Singulares ou finitudes, que constituem o mundo.

73. O tempo é infinito, pois é a totalidade do posicionamento; são apenas os pontos ou números nele que são o Finito.

74. Todas as coisas são criadas no tempo; pois o tempo é a totalidade dos Singulares. O tempo não é uma quantidade estacionária, que está sempre a transformar-se em algo novo no seu fluxo progressivo. Não é uma corrente contínua, mas sim uma repetição de um mesmo acto, a saber, o ato primário, como se fosse uma esfera a rodar, que regressa constantemente sobre si mesma. Não existe algo infinito, muito menos algo eterno; pois as coisas são apenas posicionamentos do tempo. O próprio tempo, porém, é apenas uma repetição e, portanto, também uma supressão desses posicionamentos. A vicissitude das

³ Original no Anexo I (tradução de autoria própria).

coisas é, na verdade, o tempo; se não houver mudança, também não há tempo. O tempo é uma propriedade universal das coisas. A excepção do tempo está apenas no Eterno.

75. O tempo, não sendo ele próprio o Finito, mas criando-o, não é em si um Real, mas ainda um Ideal, uma forma apenas do acto primário, uma ideia, com o qual as coisas finitas foram directamente posicionadas. O tempo é o acto de numerar; numerar é pensar; pensar é tempo. O pensamento é o tempo. No sono não há tempo para nós. (...) O tempo não é de origem terrena, mas sim celeste. Na medida em que uma qualidade divina pertence a todas as coisas finitas. São [as coisas] divinas, na medida em que são tempo; terrestres, na medida em que são momentos evanescentes do tempo. (Oken, 1847)⁴

Em primeiro lugar e sobre este excerto interessa a ideia de que *pensamento é tempo*, ou seja tempo não seria algo que muda — o tempo em si não muda — e também não seria algo que passa como uma corrente, mas algo que se repete; o tempo é visto como um ideal que se repete igual e infinitamente. O pensamento — a existência — é um posicionamento sucessivo desse ideal repetitivo e infinito. Nada que existe escapa ao facto de que não existe no tempo um estado estático e fixo — nem no espaço. Tudo é movediço, instável, inconstante, transitório, fugaz, evanescente, transiente.

4. *TRANSIENT / MONO NO AWARE / TRANSIENT PHENOMENON*

A escrita é uma tentativa de fixar o movimento que resulta de um posicionamento sucessivo no tempo — e inevitavelmente no espaço, embora o posicionamento não tenha de ser equivalente ou equiparado. O pensamento ou consciência é a ponte entre estes dois posicionamentos; da impressão desse posicionamento nasce a escrita como faria notar à sua maneira George Perec; a escrita ou qualquer meio expressivo. Com este olhar sobre a escrita, a natureza das palavras e expressões suscita grande interesse, como é o caso aqui de uma palavra em particular que surge na tentativa de descrever

⁴ *Original no Anexo I (tradução de autoria própria).*

este movimento irrequieto e total: a palavra *transient* (a palavra transiente, em português, traduz para *transient* em inglês, e será a partir de agora utilizada a palavra em inglês). Até porque mesmo as palavras e expressões estão sujeitas a um posicionamento sucessivo no tempo que resulta num movimento contínuo, ou talvez devesse dizer *sobretudo as palavras — as ideias*.

A palavra *transient* — do latim *transiēnt* — tem em inglês como definição, enquanto adjetivo, algo impermanente, algo que tem uma duração curta no tempo, algo passageiro, transitório, efêmero ou ainda pontual. Em matemática diz-se de um estado que tem uma forte probabilidade de ser deixado e nunca mais visitado — *um estado j diz-se transiente se existir um estado k que seja atingível a partir de j , mas não sendo j atingível a partir de k . Por outras palavras, se j for transiente não há a garantia de, saindo de j , voltar lá.* (Alves, 1997, p.6). Pode significar algo ocasional, isolado, único, algo que passa através de ou que passa de uma pessoa para outra. Em música, o termo é equivalente a *intermediate*. Na física e química, esta palavra é utilizada para descrever um *transient phenomenon* (como no caso de uma variação momentânea de corrente, de voltagem ou de frequência) e daquilo que vem na sucessão de tal evento. *Transient* pode ainda querer dizer uma pessoa que passa por um lugar por um período curto de tempo, um viajante, um emigrante; ou, em informática, um módulo programático que permanece em memória por um período de tempo curto.

Esta pesquisa sobre a etimologia da palavra *transient* propagou-se para outras palavras relacionadas e com a mesma raiz etimológica, como, por exemplo, em inglês os verbos *translate* (traduzir), *transport* (transportar) e *transmute* (transmutar) que deixam pensar que, de forma geral, os significados destas palavras podem dividir-se em duas categorias: por um lado existe uma relação com uma alteração no domínio do pensamento — transportado de emoção — e, por outro lado, de uma mudança no espaço físico e palpável — transportado de um lugar *A* para outro —, sendo que em ambos os casos se dá uma mudança no tempo. Para além destas palavras, também se reteve

algumas expressões relacionadas com o termo e com as ideias que se quer exprimir, das quais a expressão japonesa *mono no aware*, e o seu significado, assim como a descrição daquilo que é um *transient phenomenon* (fenómeno transiente).

Mono no aware (物の哀れ) é uma expressão japonesa que exprime uma ideia de espanto e admiração em relação ao carácter transiente, efêmero e impermanente tanto da vida como de tudo o que a preenche. A esse espanto e admiração também anexa um certo sentimento de tristeza, resiliência, aceitação ou complacência. A expressão deriva do termo *mono* (物) e *aware* (哀れ), em que *mono* significa “coisa” e *aware* exprime uma certa surpresa em relação a essa “coisa”, como seria em português a exclamação “oh” ou “ah”, ainda que neste caso seja uma surpresa significativa, ligada a uma sensibilidade, a um sentimento profundo e uma consciência do aspecto pungente e transiente dessa coisa, do qual parece resultar ao mesmo tempo uma ideia de beleza e uma certa empatia em relação a essa mesma coisa.

Esta expressão é muitas vezes traduzida como o “pathos das coisas”, e desta forma aproxima-se também da expressão latina *lacrimae rerum* cujo significado literal é “lágrimas das coisas”. No filme *Sans Soleil* (1983), de Chris Marker existe uma referência a esta expressão no momento em que a narradora do filme diz: *Escreveu-me que o segredo japonês — aquilo a que Lévi-Strauss chamara a pungência das coisas — a faculdade implícita de comunhão com as coisas, de entrar nelas, de ser elas por um momento. Era normal que por sua vez fossem [as coisas] como nós: perecíveis e imortais.* (Marker, 1983)⁵. O “segredo japonês”, que Lévi-Strauss chamou de “pungência das coisas” (em inglês *poignancy of things*, ou em francês *poignance des choses*), é sem dúvida uma referência à expressão *mono no aware*. Esta expressão pressupõe um profundo entendimento e uma resiliência em relação ao carácter vertiginoso do posicionamento temporal sucessivo e desenfreado que é a experiência existencial — o pensamento — e do qual *nada que é escapa*, lembrando a questões *do que é e não é, do que separa o que é daquilo que não é e do que está entre o que é e o*

⁵ Original no Anexo I (tradução de autoria própria).

que não é — sobre as quais Parménides, o filósofo, talvez tenha sido dos primeiros a exprimir-se: *Deverá ser que aquilo que pode ser pensado e falado é; pelo que é possível que este o seja, e não é possível que o que não é seja.* (Parménides, 500BC)⁶.

Em segundo lugar, a expressão *transient phenomenon*, que em engenharia ou em teoria de sistemas, serve para descrever um sistema em *transient state* — estado transiente —, o que significa um sistema inicialmente estável em que uma ou mais variáveis tenham sofrido uma alteração, sem que este — o sistema — tenha ainda conseguido voltar a um estado estável. *Transient state* é o estado entre um estado estável e outro, a sua duração tem nome de *transient time*, durante o qual acontece uma *transient response*. A título de exemplo, no caso de um sistema elétrico, uma variação abrupta de voltagem daria lugar a um *transient state*. A expressão *transient state* é curiosa, pois dá a entender que entre um estado estável *A* e outro estado estável *B*, o que existe é apenas um *transient state* — estado transiente —, termo genérico e abstrato para descrever o que realmente se passa, mas no entanto é nesta *passagem*, de *A* para *B*, em que a estabilidade dá lugar a uma reação — *transient response* —, e seja ela qual for será talvez este o momento mais interessante para perceber a natureza do sistema e a forma como este reage — se é que estamos a falar de sistemas, pois esta explicação — daquilo em que consiste um *transient phenomenon* —, pode ter um valor metafórico que transborda facilmente do contexto das ciências e, neste caso, vem ao encontro de um pensamento existencial.

Para a consciência, o tempo divide-se em três: presente, passado e futuro. Sendo que o presente se distingue por ser um ponto apenas, um ponto entre *A* e *B* — neste caso passado e futuro. Passado e futuro são duas massas constantes e infinitas, dois estados estáveis, dois ideais com os quais cada qual tem apenas uma relação subjectiva; não havendo consciência, passado presente e futuro são apenas uma só *massa* — substrato, ou *substância*? O presente é a passagem finita mas em constante repetição entre estes dois ideais, o posicionamento sucessivo do tempo — ideal repetitivo e infinito. O

⁶ Original no Anexo I (tradução de autoria própria).

presente poderia ser descrito da mesma forma que um *transient phenomenon*; a vida, ou melhor, uma vida, também pode ser descrita desta forma, mas somente depois da morte.

5. SIMONE WEIL / *METAXÚ*

A consciência é o *metaxú*, que reifica o *substrato temporal* — ideal repetitivo e infinito. *Metaxú*, do grego μεταξύ, é um termo que surge frequentemente nas obras de Platão — e é bem provável que Simone Weil o tenha encontrado ao ler Platão —, mas apenas enquanto termo meramente descritivo — algo intermédio, situado entre *A* e *B*. No entanto, Simone Weil desenvolveu o conceito no seu livro intitulado *La pesanteur et la grâce* (Weil, 1947) — em português *A gravidade e a graça*. Mais uma vez não é suficiente falar somente da obra desta autora, será necessário falar um pouco da sua vida, da sua existência, do seu *posicionamento sucessivo*, exaustivo até — e por vezes contraditório.

Simone Weil cresce num contexto privilegiado, porém a sua saúde é desde cedo muito débil e assim se mantém ao longo da sua vida. Como se não bastasse, ou talvez em parte por essa razão, parece haver nela um sentimento de deslocação em relação à condição física; vê o próprio corpo como uma limitação e com alguma repugnância. Em muitas circunstâncias parece auto-infligir-se um suplício que tomou várias formas ao longo da sua vida. Tinha uma grande admiração pelo seu irmão André Weil — um dos grandes matemáticos do século XX, reconhecido pelo seu trabalho em geometria algébrica e teoria dos números — mas sentia-se inferior em relação ao seu talento. Via a sua condição de mulher como um fardo, uma condenação a uma desordem e fragilidade congénitas. Em geral — num tempo em que o travestismo era considerado crime — tinha uma forma de vestir masculina; no contexto familiar, por vez assinava cartas com o nome de Simon e preferia que a tratassem no masculino. Simone Weil estudou na *École Normale Supérieure* no mesmo período que Simone de Beauvoir, sendo as únicas mulheres. Weil acaba em primeiro lugar no exame de filosofia geral e lógica, Beauvoir em segundo lugar. Ao longo da sua curta vida, pois faleceu com 34 anos apenas,

dedicou muito tempo ao ativismo político e com muito fervor — um fervor talvez excessivo —, com muitas contradições de pensamento, que talvez fossem o resultado de sentir que, pela sua condição, de saúde e de mulher, não a levassem a sério e não a deixassem participar em pleno nas lutas em que acreditava — no anarco-sindicalismo, na questão do proletariado e do trabalho nas fábricas, nas greves, na Guerra Civil Espanhola, na resistência francesa durante a Segunda Guerra Mundial. Embora de forma mais discreta, também se interessou pela religião. Sendo que acreditava que a religião não deveria ser dogmática — e por isso não escondia o seu repúdio pelo judaísmo —, interessava-a um misticismo presente não só no Cristianismo como também noutras religiões e correntes de pensamento como o Budismo, o Hinduísmo, os temas da mitologia, da filosofia e poesia da Grécia antiga, o Taoísmo, as escrituras do Egito. *Acredito, isto é, não que tenha em conta o que a Igreja diz sobre estes pontos, para afirmá-lo como se afirma factos de experiência ou teoremas de geometria; mas que eu adiro pelo amor da verdade perfeita e inalcançável, fechada no interior destes mistérios.* (Weil, 1962)⁷.

Em março de 1992, surge um artigo sobre esta autora no jornal *The New Yorker* do qual retiramos dois excertos para completar o retrato:

A política de Simone Weil era peculiar no extremo. Procurou unir a um ideal parcial do estado orgânico uma sensação, furiosa e enfurecida ao mesmo tempo, da humilhação e do sofrimento impostos ao trabalho industrial. Por uma reviravolta de lógica, esta jovem judia da esquerda para-marxista francesa veio a fazer uma série de comentários de aprovação sobre Hitler. (...) Mas aqui reside, no cerne dos seus paradoxos e desolação, um teste pessoal de rara integridade. Três vezes, entre dezembro de 1934 e finais de agosto de 1935, esta frágil intelectual trabalhou na indústria pesada, sob pressões e humilhações que quase a levaram à loucura. Quando invocou Robespierre, quando fantasiou

⁷ Original no Anexo I (tradução de autoria própria).

sobre uma reavaliação centralizada e uma espiritualização do trabalho, Weil falou em primeira mão. O chique radical era um anátema para ela.

(George Steiner 1992)⁸

Na sua forma mais lúcida, Weil parece um híbrido bizarro, anarquico-platónica, que abdicaria aos poderes do Estado tudo o que fosse necessário para dar privacidade à alma. (...) A sua radiestesia é, ao mesmo tempo, absurda e assustadora. Por mais aguda helenista que fosse, Weil não hesitou em distorcer e quase falsificar a intenção manifesta e o contexto das antigas palavras gregas. (...) As suas leituras de Platão são tão selectivas que roçam o travestismo.

(George Steiner 1992)⁹

Apenas uma nota — um à parte — sobre uma palavra: a palavra radiestesia — no original *dowsing* — que significa uma sensibilidade a qualquer espécie de radiações; um processo de deteção fundado nesta sensibilidade; uma forma de adivinhação por meio de movimento (a que seriam sensíveis certos indivíduos) de varas ou de esferas pendentes, que revelariam, à distância, a presença de fontes, de jazidas de minérios, de cadáveres, de doenças, de objetos perdidos, etc.

No seu livro póstumo já mencionado, *La pesanteur et la grâce*, foram recolhidas notas escritas pouco tempo antes da sua morte, e nunca tendo sido pensadas para a sua publicação, foram organizadas por um amigo próximo após a sua morte; é nesse livro que Simone Weil fala da ideia de *metaxú*:

METAXU

(...) Este mundo é a porta fechada. É uma barreira. E, ao mesmo tempo, é a passagem.

⁸ Original no Anexo I (tradução de autoria própria).

⁹ Original no Anexo I (tradução de autoria própria).

Dois prisioneiros, em masmorras vizinhas, que comunicam a bater contra a parede. A parede é o que os separa, mas também o que lhes permite comunicar.

Depois nós e Deus. Toda a separação é um vínculo.

(...) A essência das coisas criadas é ser intermediário. São intermediários de umas para as outras e isso não tem fim. São intermediários em relação a Deus. Experimente-os como tal.

As pontes dos Gregos. – Nós herdámos isso. Mas já não conhecemos o seu uso. Pensávamos que tinha sido feito para ali construir casas. Construimos arranha-céus onde estamos constantemente a acrescentar andares. Já não sabemos que são pontes, coisas feitas para passar, e que através delas vamos para Deus.

(...) Deves pendurar o teu desejo no eixo dos postes.

O que é um sacrilégio destruir? Não o que é baixo, porque o que é baixo não interessa. Não o que é alto, porque, por muito que queiramos, não lhe podemos tocar. O metaxú. Os metaxús são a região do bem e do mal.

(...) O temporal só tem sentido através e para o espiritual, mas não se mistura com o espiritual. Levando até lá pela saudade, pela superação. É o temporal como ponte, como metaxu. É a vocação grega e provençal.

Civilização dos Gregos. Sem adoração à força. O temporal era apenas uma ponte. Nos estados de espírito, não procurávamos intensidade, mas sim pureza.

(Weil, 1947)¹⁰

6. PLATÃO / PARMÉNIDES / METAXÚ / METHEXIS

Com a questão em mente daquilo que está *posicionado entre A e B*, de que se falou anteriormente, e também com algumas ideias de Simone Weil no excerto citado — ideia de intermediário sucessivo, de passagem, e que deixam entender que essas ideias são de certa forma uma herança incompreendida do pensamento grego —, volta-se a Parménides — desta vez não o filósofo, mas sim o diálogo homónimo de Platão no qual

¹⁰ Original no Anexo I (tradução de autoria própria).

o Parménides é um dos intervenientes principais — e sobre o qual Heidegger, por sua vez, também teve algo a dizer.

Platão, que em mais de um ponto inspirou Simone Weil, escreveu um diálogo mais tardio intitulado *Parménides*. A respeito deste diálogo, denso e enigmático, até hoje ainda não existe consenso; nem sobre a maneira como deve ser interpretado, nem sobre as próprias intenções do autor ao escrevê-lo. De facto, neste diálogo imbricado, Platão parece de certa forma enlouquecer com a necessidade de fixar as ideias — *as (suas) Ideias, ou Formas*. A argumentação leva a querer que, numa tentativa compulsiva de levar a própria teoria — *Teoria das Formas* — ao limite, este chega a um ponto que parece colocá-la irreparavelmente em questão.

O diálogo está dividido em duas partes. A primeira parte é um suposto diálogo entre Parménides, Zenão e Sócrates — Sócrates ainda jovem, sendo os dois primeiros filósofos considerados pré-socráticos, da escola eleática —, em que Parménides coloca argumentos contra a *Teoria das Formas*, que Sócrates se esforça em defender. Mas, curiosamente após ter colocado estes argumentos, é o próprio Parménides que parece querer, ainda assim, salvar a *Teoria das Formas*:

E, no entanto, Sócrates, disse Parménides, se um homem, ao fixar a sua atenção nestas e em dificuldades semelhantes, elimina as ideias das coisas e não admite que cada coisa individual tenha a sua própria ideia determinada que é sempre uma e a mesma, não terá nada em que possa repousar a sua mente; e assim destruirá completamente o poder do raciocínio, como me parece ter particularmente notado.

(...)

Mas, então, o que será da filosofia? Para onde nos voltaremos, se as ideias forem desconhecidas?

(...)

É verdade, disse Parménides; mas acho que deveria dar um passo além e considerar não apenas as consequências que decorrem de uma dada hipótese, mas também as consequências que decorrem da negação da mesma; e isso será um exercício ainda melhor para si. (Platão, 370BC)¹¹

Mais será dito sobre este excerto. Agora, e para situar o leitor, serve apenas dizer que a esta primeira parte se segue uma segunda parte, entre Parménides e Aristóteles — um outro, não o filósofo — composta de oito deduções e um apêndice — ou *Coda* — na sequência das duas primeiras deduções. Esta parte consiste numa série de argumentos, complexos, subtis, e que não deixam antever, ou perceber, a posição do próprio autor. A leitura e análise destes argumentos, somente enquanto argumentos, se o foco for de facto a chegada a uma conclusão, torna-se exaustiva, e o texto perde um pouco a poesia. Uma conclusão menos estanque seria admitir que o interesse deste texto é sobretudo dar que pensar. Talvez Platão — um Platão mais maduro — ao escrever ou ao pensar este diálogo, se revisse em mais do que um dos intervenientes, dos quais se realça sobretudo a posição de dois. Por um lado, o jovem Sócrates, decidido a defender as suas *Ideias* — as suas *Formas* —, e por outro Parménides, que, embora consiga ver falhas na argumentação, e talvez até a própria impossibilidade de se formular um argumento a esse respeito, decide ainda assim — através das deduções da segunda parte — tentar salvar a *Teoria das Formas*, porque entende que, sem *as Formas*, a filosofia não é possível. Propõe-se que seja talvez nesta indecisão em tomar partido, que se reflete *ao longo do texto* — no decorrer da consciência, do acto de pensar — pelos temas e pela formulação — deveras inconclusiva —, que reside a verdadeira posição — o verdadeiro *posicionamento sucessivo* de Platão. A *methexis* — e o *metaxú* — de Platão.

A palavra *methexis*, do grego μέθεξις, está intimamente ligada à *Teoria das Formas* e significa participação — de um *particular* numa *Forma*, ou *Ideia*. Todavia parece haver um elo entre estes dois termos — ou conceitos — que partilham, por sua vez, algo de

¹¹ Versão em inglês no Anexo I, traduzido do grego por Arnold Hermann (tradução para português de autoria própria).

central na filosofia de Platão: por um lado tentar cernar o que separa algo de outro algo — como surge mais desenvolvido em Simone Weil, algo que tanto separa como aproxima; e, por outro, a natureza da relação *entre um particular e uma Forma* — o que faz com que algo participe de uma *Forma* — *methexis*.

7. HEIDEGGER / *DASEIN*

Por sua vez, Heidegger, após a publicação de *Being and Time* (Heidegger, 1927), em português *Ser e Tempo*, dá um seminário intitulado *Parménides*, sobre o diálogo homónimo, e vê neste diálogo algo de particular que para ele diferencia Platão. Segundo Heidegger, é na *Coda* — apêndice às duas primeiras deduções da segunda parte do diálogo — que Platão tenta reconciliar a pluralidade dos seres — *particulares* — com a unidade do Ser — *Forma* — ao introduzir a noção de temporalidade, o que para Heidegger é uma novidade subtil:

- *E sempre que, estando em movimento, pára, e sempre que, estando em repouso, muda para movimento, deve de algum modo estar em nenhum momento.*
- *Como assim?*
- *Não poderá estar inicialmente em repouso e depois em movimento, ou inicialmente em movimento e depois em repouso, sem se alterar.*
- *Claro que não.*
- *Mas não há tempo em que algo possa, simultaneamente, não estar em movimento nem em repouso.*
- *Certamente que não.*
- *Mas certamente também não muda sem mudar.*
- *Difícilmente.*
- *Então, quando é que muda? Pois não acontece nem quando está em repouso, nem quando está em movimento, nem quando está no tempo.*
- *Não.*

- Há, então, alguma singularidade em que estaria somente enquanto muda?
- Que tipo de singularidade?
- O instante. O instante parece significar o tipo de coisa em que há mudança em cada uma das duas direcções. Pois algo não muda do repouso enquanto ainda está em repouso, ou do movimento enquanto ainda está em movimento. Mas o instante, essa singularidade, situa-se entre o movimento e o repouso – não estando em tempo algum – e o que se move nele ou dele transforma-se em repouso e o que repousa transforma-se em movimento.
- Muito provavelmente.
- E aquele, se de facto estiver em repouso e em movimento, mudaria em cada uma das duas direcções, pois só assim poderia fazer as duas coisas. Mas ao mudar, muda num instante, e quando muda, não estaria em momento algum, e [nesse ponto] não estaria nem em movimento nem em repouso.
- Não, estaria. (Platão, 370 BCE)¹²

Para Heidegger a novidade está na noção de temporalidade: *Ao contrário da maioria dos intérpretes, Heidegger na verdade encontra no diálogo uma solução positiva, ou pelo menos a indicação profunda de uma solução, para esse problema. O que torna o diálogo Parménides unicamente radical é o facto de que essa solução envolve explicitamente a temporalidade.* (Backman, 2007)¹³.

É no instante, e em cada instante, que o ser — particular — se diferencia do Ser — unidade, monas, Forma — num posicionamento sucessivo do ideal repetitivo e infinito — o tempo. *Dasein confronta cada situação concreta em que se encontra (na qual foi lançado) como uma gama de possibilidades de agir (nas quais pode projetar-se).* (Wheeler, 2011)¹⁴. Em cada instante a verdade dá-se — enquanto des-velar, aletheia —,

¹² Versão em inglês no Anexo I, traduzido do grego por Arnold Hermann. (tradução para português de autoria própria).

¹³ Original no Anexo I (tradução de autoria própria).

¹⁴ Original no Anexo I (tradução de autoria própria).

ao mesmo tempo que se possibilita um novo *posicionamento* — posicionamento esse que é inevitável, em primeiro lugar, e, em segundo, não é indiferente àquilo que simultaneamente se *des-vela*:

O ser vem à presença do ser humano através do seu acontecimento apropriativo, que ganha figura na obra de arte, isto é, o ser do ente traz à presença a obra de arte, e a obra de arte traz à presença o ser do ente, aí se revelando a verdade [Aletheia]. (Pereira, 2023, p.47)

8. EBENSEIN / CONCLUSÃO

Por fim, e em relação ao temas expostos, este texto propõe, em alternativa ao termo *Dasein*, uma terminologia alternativa cujo foco é aquilo a que se chama aqui de *transient-ness* — carácter transiente — e que pretende suscitar alguma urgência.

Ora *Dasein*, termo que Heidegger utiliza no seu livro *Being and Time* (Heidegger 1927) — em português *Ser e Tempo* — para designar o ser que é próprio do ser humano, é muitas vezes traduzido para *ser-aí*, ou, dependendo da tradução, *ser-aí-no-mundo* — *Da* significa aí e *sein* significa ser. Esta expressão deixa entender aquilo que se interpreta aqui como uma *geografia contextual*, em que o *aí* é um *posicionamento actual e sobretudo contextual, em relação a tudo o que já foi — passado — como tudo o que pode ser — futuro*. É sobretudo um problema de tempo e posicionamento — a questão espacial está em segundo plano. O espaço deixa de ser o primeiro plano muitas vezes é, por ser mais apreensível, não deixando de ser um modelo para guiar o posicionamento no tempo. Nesta linha de pensamento propõe-se aqui, em alternativa, outra expressão: *Eben Sein* em alemão. Neste caso *Eben* traduz não só para *agora*, mas, mais precisamente, para agora mesmo, dando um acento ao carácter efémero do instante — *transient-ness* —, para além de *justamente*, *precisamente* ou *exatamente*, o que também realça assertividade e uma intenção.

O *posicionamento actual* é o ponto que se situa *entre* o passado e o futuro — *a passagem entre o passado e o futuro*. Somente nesse ponto — o *instante*, o *presente* — existe a possibilidade de *des-velamento* e em cada ponto uma nova possibilidade de *des-velamento*, de uma outra leitura, de outro significado.

A noção de *transient-ness* coloca em evidência o *posicionamento sucessivo* e efêmero no tempo, e sobretudo na *passagem*, não do tempo, mas da vida. A existência humana — singular e colectiva — é definida pela sua finitude no tempo — *tal como tudo o que é* —, o que contrasta com a ideia de um ideal infinito — o tempo — assim como neste — no tempo — *possíveis posicionamentos sucessivos*. Esta oposição está na origem de um sentimento inquieto e que resulta em contradições mas que no fundo dá profundidade à existência; uma ânsia em relação a um futuro acidental e adventício, que obriga a um posicionamento inevitável no presente — sem garantias —, e por outro lado uma tristeza em relação ao passado, por este nos colocar numa posição em que observamos todos os futuros não concretizados, os *possíveis posicionamentos*. A consciência daquilo a que chamamos *transient-ness* — o *mono no aware*, o segredo japonês, que no limite é a consciência da morte — é a medida da existência — e é o que deve motivar uma *apropriação* contínua de cada momento, sendo cada momento uma possibilidade de significado, ou significação. A *methexis*, a ideia de participação numa *Ideia* — numa *Forma* —, vista sob outro prisma, é a participação em cada instante através de um posicionamento, a *methexis* temporal inesperada, que o próprio Platão sentiu no seu diálogo Parménides. *Eben Sein* é a beleza do ser nunca garantido e urgente. Esta beleza está no *metaxú*, naquilo que está entre *A* e *B*, a consciência da passagem não do tempo, mas sim da vida no tempo enquanto possibilidade de *aletheia* — *des-velamento sucessivo*.

APÊNDICE I — Ficha técnica

Título: mono no aware 物の哀れ

Ano: 2024

Duração: 46:09

Ratio: 16:9

Formato: 4K UHD TV (3840 × 2160)

Codecs: MPEG-4 AAC, H.264

Perfil de cor: HD (1-1-1)

Canais de áudio: Stereo

Descrição:

Palco de um diálogo entre várias vozes, este ensaio, constituído exclusivamente de found footage, é uma reflexão — ou no limite uma deriva existencialista — sobre a noção de transience no espaço, no tempo e no pensamento.

Preview link (Vimeo): <https://vimeo.com/1036011241>

(A palavra-passe desse ser pedida através deste email heloise.marechal@gmail.com)

APÊNDICE II — Script

Nota:

Diferenças de formatação servem para diferenciar vozes
— no filme são utilizadas diferentes cores de legenda para esse efeito.

ACT I

How do you measure distance?

The distance between A and B,
for example...

The distance in space or time,
between where you are,
and where you are not.

It seems simple...
and yet...

In 96 Nintendo released Pokémon Red and Blue,
a new game for their Game Boy console.

It arrived to Europe in 99.

In this game, the player, with some autonomy,
seems to walk around a given world,
unlocking city after city.

Looking back to that game,
something feels different...

If we pay attention
the player never moves.

It seem to walk in a direction,

↑ → ↓ ←

but its position never changes.

Always right in the middle of the screen.

Rather everything around moves...
or changes.

There is something soothing
about this illusion...

the illusion of movement.

Which can translate as...

narrowing the distance,

bending time.

— **You have a room I believe at your place.**

— **Hmm?**

— **Is there a room for you?**

— **Yeah...**

— **Is there any other room?**

— **Hmm...**

— **It has been a long time since
you went back home? Hmm?**

— **One year...**

— **A year?**

— **Yeah a year...**

— **A year, few week...**

— **Few days...**

— **It has been more than this...**

— **Three weeks...**

— **You didn't go back home since
you've been hospitalized?**

— **Hmm?**

— **How long has it been?**

— **A year...**

— **It has been some time.**

— **Yeah...**

— **Hmm?**

— **Were you happy to go
back to your room?**

— **Yeah...**

— **Hey... so what else did you do?**

What else did I do?

What do you mean?

I was here...

thinking...

where should I go...

which implies another question:

where from?

Do you know?

Where you are going?

Where you are?

— **This afternoon for example...**

— **Hmm?**

— **You didn't stay in your room
all afternoon, did you?**

— **No...**

— **Did you go for a walk?**

— **Yes...**

— **Yes?**

— **What did you do then,
Saturday afternoon?**

— **Hum? I stayed...**

— **You watched television?**

— **Oh yeah...**

— **[indiscernible mumbling]**

— **You like television?**

— **Yeah...**

— **What did you watch?**

— **Hmm?**

— **On television...?**

What did I watch?

What do you mean?

Vaguely,

in another film,

someone refers a Japanese secret...

one that Lévi-Strauss calls

“the poignancy of things”.

This secret is referred to as:

the implied faculty

of communion with things...

of entering into them,

of being them for a moment...

Mono no aware expresses the idea

that there is beauty

in the unavoidable transience of things,

of life itself.

The certainty that things are now,

as we look at them,

as they will never be again.

The fleeting nature of everything,

and the conscience of it,

only increase the feeling of awe.

A reverence

to the ephemeral.

Between 86 and 93,
a television channel in Ontario, Canada,
called Global Television,
transmitted repeatedly a series of three videos,
to avoid having a test screen instead,
with the sole purpose of filling the late night hours.
The hours when most people are not watching television.

— **You watched television?**

— **Oh yeah...**

— **[indiscernible mumbling]**

— **You like television?**

— **What did you watch?**

— **Hmm?**

— **On television...?**

— **[indiscernible mumbling]**

— **Hey... so what else did you do?**

— **This afternoon for example...**

— **Hmm?**

— **You didn't stay in your room
all afternoon, did you?**

— **No...**

— **[indiscernible mumbling]**

— **You don't want to ask me some questions?
Maybe... for a change.**

— **No? You don't have any questions for me?**

— **Maybe something you would like to know...**

The videos transmitted by Global Television
were nothing more...

than the point of view of a transient,
a passer-by...
walking or driving around a city.
It is said that those videos
had in fact an audience, despite the late hours,
mostly constituted of insomniacs...
and prisoners.

How old were you...
the first time you played Vice City?

♪ You're outta touch
♪ I'm outta time
♪ ...

The year was 2002.
Another single-player game...
in which you play a character
through a number of missions,
after his release from prison.
Most of the time,
the person playing the game,
is following the main character...
your doppelgänger,
the player in the game.
This can be called depersonalization
which Wikipedia describes as:
feeling like one is on autopilot.

[Radio] Remember to listen all day, like...

[Radio] even when your sleeping...

[Radio] ...

Anyway...

as long as we don't feel too much...

Do you...

Do you know this practice

which consists in keeping a vehicle stationary,

somehow fixed or stuck,

and spinning its wheels as fast as possible?

The resultant friction,

causes the tires to heat up and smoke,

and eventually blow.

It is called a burnout.

ACT II

They should take off the lights...

December is over.

There's something tragic about that month.

I can't explain...

Don't you feel it?

It's the only month in which...

people count the seconds before the next.

Like a crescendo...

inevitably accelerating...

until it stops.

As an Euler disk.

Do you know what it is?

This I can explain.

But later.

First let's think about this.

Two principles:

conservation of momentum...

and conservation of energy.

Well...

just take a look at them.

— **You watched television?**

— **Oh yeah...**

— **[indiscernible mumbling]**

— **You like television?**

— **What did you watch?**

— **Hmm?**

— **On television...?**

— **[indiscernible mumbling]**

— **Hey... so what else did you do?**

— **This afternoon for example...**

— **Hmm?**

— **You didn't stay in your room**

all afternoon, did you?

— **No...**

— **[indiscernible mumbling]**

— **You don't want to ask me some questions?**

Maybe... for a change.

— **Hum?**

— **No? You don't have any questions for me?**

— **Maybe something you would like to know...**

In engineering...
a system is said to be transient
or in transient state
when one or more variables have been changed
and the system has not yet reached a stable state.
Transient state...
is the state between one stable state...
and the next.

μεταξύ [metaxy].
Simone Weil wrote about it:
“The essence of created things...
is to be intermediaries.
They are intermediaries...
leading from one to the other
and there is no end to this.”

Consider that...
whenever in motion,
it comes to a rest,
and whenever at rest,
it changes to moving.
Somehow it must itself...
be in no time at all.
— *How is that?*
It cannot be initially at rest
and then in motion,
or initially in motion
and then at rest.
Not without changing.

— *Certainly not.*

Yet there is no time in which
something can simultaneously...
be neither in motion nor at rest.
And before I forget:
Euler's spinning disk...
which ultimately comes to rest,
and so, quite abruptly,
the final stage of motion
being accompanied by a whirring sound
of rapidly increasing frequency.

— **How long has it been?**

— **A year...**

— **It has been some time.**

— **Yeah...**

— **Hmm?**

— **Were you happy to go
back to your room?**

— **Yeah...**

— **Hey... so what else did you do?**

— **This afternoon for example...**

— **Hmm?**

— **You didn't stay in your room
all afternoon, did you?**

— **No...**

— **Did you go for a walk?**

♪ ...

So...

there is no time...

in which something can simultaneously...

be neither in motion nor at rest.

— *Certainly not.*

But surely,

neither does it change

without changing.

— *Hardly.*

So when does it change?

For this happens...

neither when it is at rest

nor when it is in motion

nor when it is in time.

— *No, it does not.*

Is there then...

some kind of oddity...

in which it would be just when it changes?

— *What oddity?*

the instant.

Hey...

you...

Take a look at me.

Do you think you are different?

You are just like me.

But you ask yourself...

from time to time...

what is the point really?

But don't worry...

You'll stop too soon.

And you'll stop forever.

Worry not.

— *So...*

what's the takeaway?

...I still don't get it.

Well...

it's just too soon...

The time is not right.

Or maybe you don't have to.

— *Anyway... I feel you like slow-mo.*

True.

And I think you should too.

Here is an advice...

wherever you go...

go slow.

I once came across a list...

on the internet...

with the following title:

“Ten ways to slow down
without losing momentum.”

ACT III

— **For example... do you play with them?**

— **They don't play.**

— **They don't play?**

I've been told that you play very well...

— Yeah... [indiscernible mumbling]

— Did you win?

Sometimes you find some words which are...

which are very difficult, I've heard.

— [indiscernible mumbling]

— Hum?

— Were you... were you good in french classes?

— Yeah...

— Because you find some very difficult words it seems.

[indiscernible noise]

— Did you had some difficulties reading?

Not at all?

Wordplay...

a play in meaning.

So where were we?

Burning distance...

between A and B...

this and that...

between lucid dreams...

and vivid memory?

Distance is a lie.

Still the center.

In the center.

Center of your existence.

The rest is moving.

Meaning is the center.

Small spheres of meaning.

Giordano Bruno's celestial bodies...

in a way...

or in their own way...

Each with it's own center.

All of them moving.

All of them moved.

Giordano was burned.

Or was he burning all along?

— **Hey... so what else did you do?**

This afternoon for example...

Go on...

You think too much.

You'll stop too soon.

Just try to slow down...

Try if you can.

Trust me...

I know from experience.

In 89 Chris Marker quoted Simone Weil

in a documentary series

about the influence of greek culture

on the modern world.

Quoting her yet again,

but this time a different quote:

“Civilization of the Greeks.

No adoration of force.

The temporal was only a bridge.

Among the states of the soul

they did not seek intensity

but purity.”

— *Sure...*

I see were you are going.

It seems like a dead end.

May we not sum up the argument in a word
and say truly:

If one is not, then nothing is?

— *Certainly.*

Let thus much be said...

and further let us affirm

what seems to be the truth,

that whether one is...

or is not,

one and the others

in relation to themselves

and one another,

all of them,

in every way,

are and are not,

and appear to be

and appear not to be.

— *Most true.*

Alas...

I think you should let Plato...

deal with his problems.

He had a strong taste for rhetoric

which made him a prisoner.

A prisoner of his Forms.

If ever he believed it.

Forms are fixed.

And life...

Life is not.

— **It has been a long time since
you went back home? Hmm?**

— **One year...**

— **A year?**

— **Yeah a year...**

A year, few week...

Few days...

— **It has been more than this...**

Right...

The Japanese secret.

Also...

Only time tells the truth.

And there's only one thing we truly have...

the instant.

One at a time.

— *Most true.*

You don't have to hurry...

Slow down.

In quantum mechanics

is said that there are pairs of physical properties

such as position and momentum.

And the more accurately one is measured

the less the other will be known.

— *Yeah...*

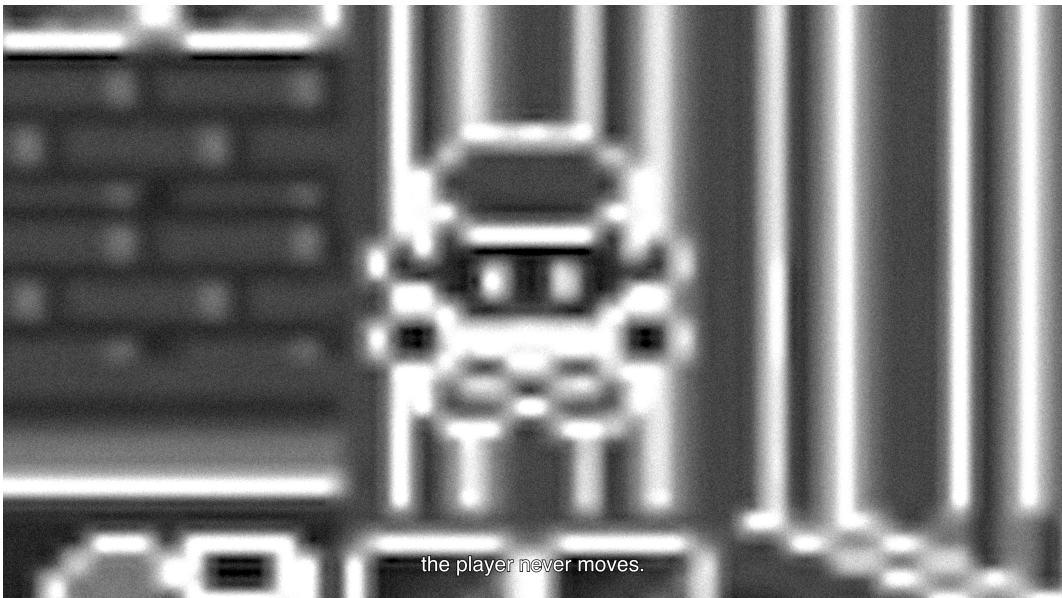
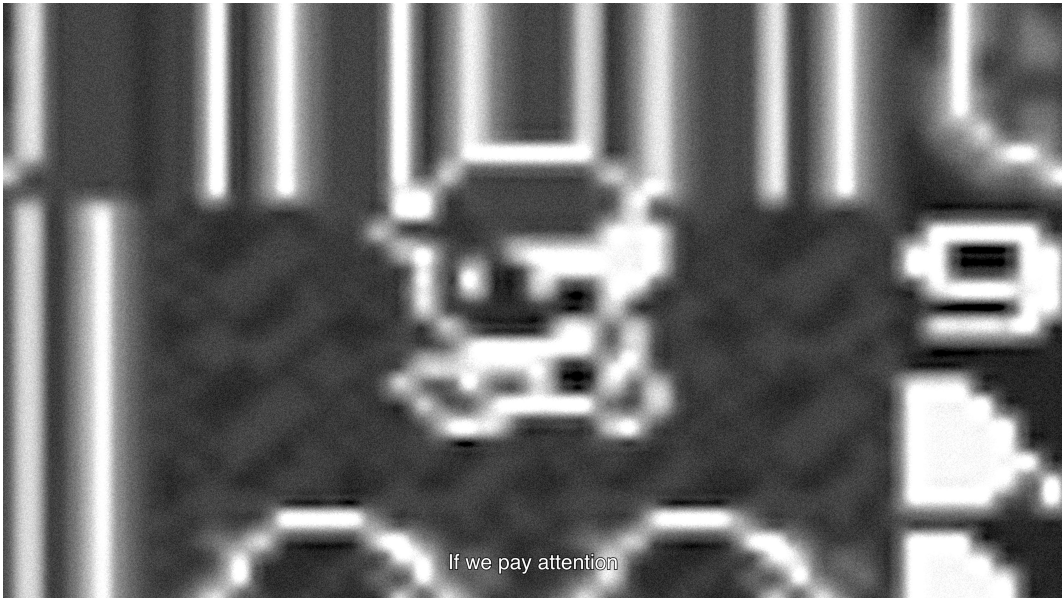
Sorry to interrupt you...

But I have to go now...

Before it's too late...

APÉNDICE III — Stills







*— It has been a long time since
you went back home? Hmm?*



— Hey... so what else did you do?



Do you know?



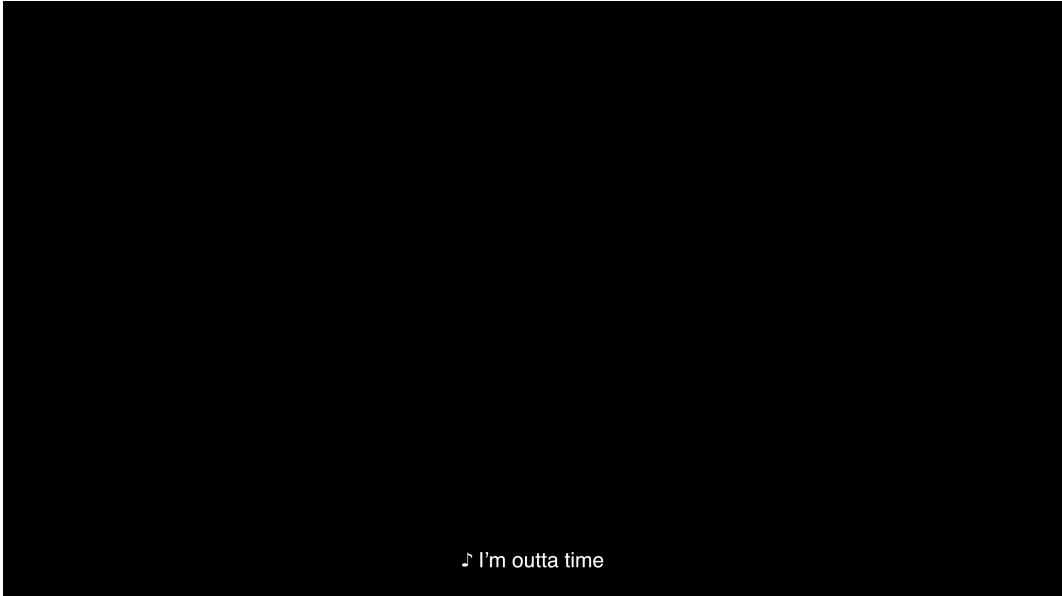
Where you are going?



*— You don't want to ask me some questions?
Maybe... for a change.*



— No? You don't have any questions for me?

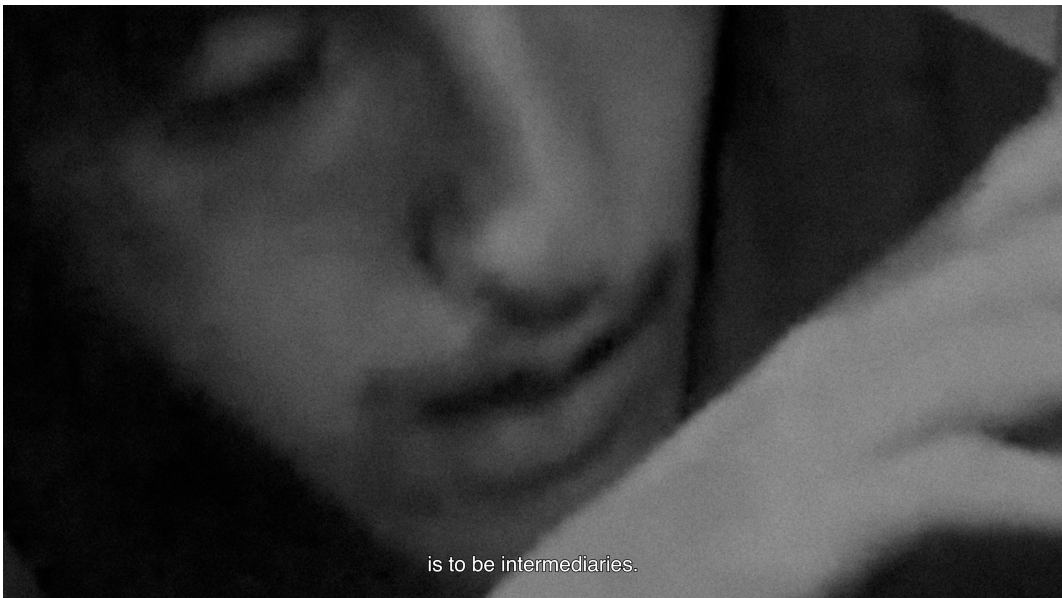


♪ I'm outta time

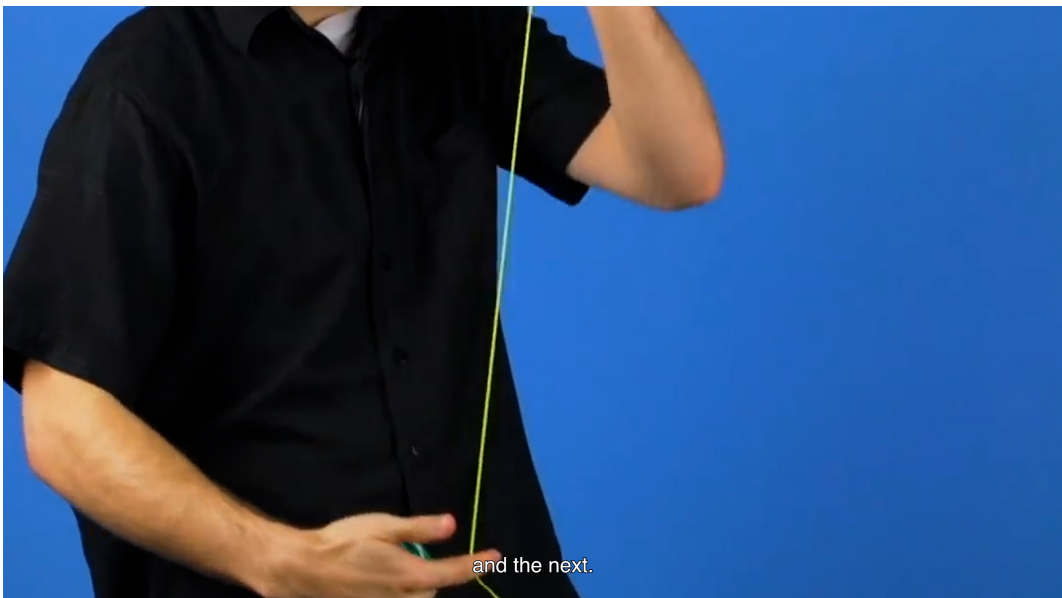
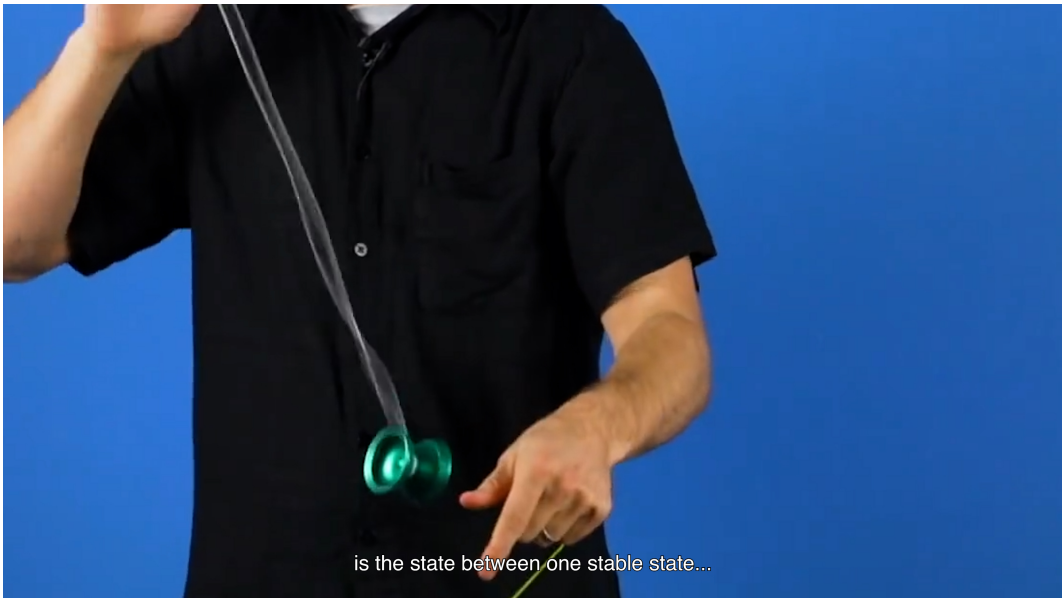
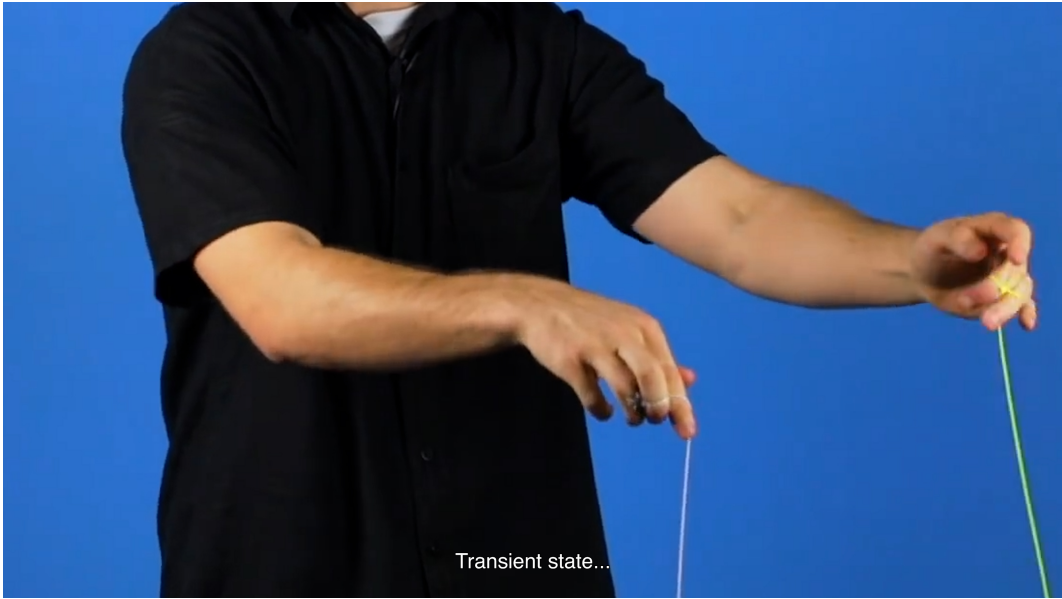


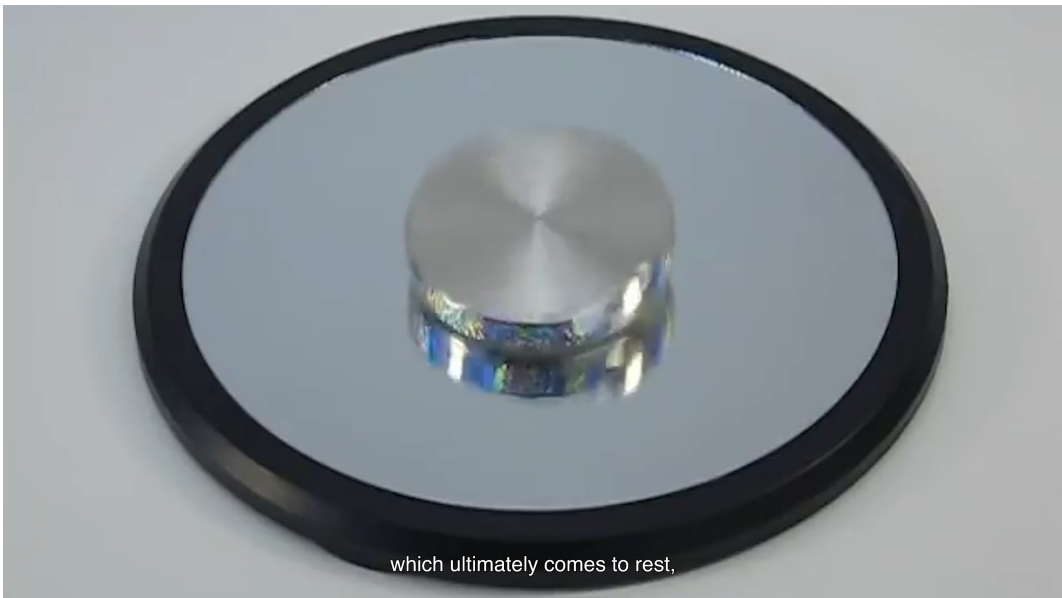
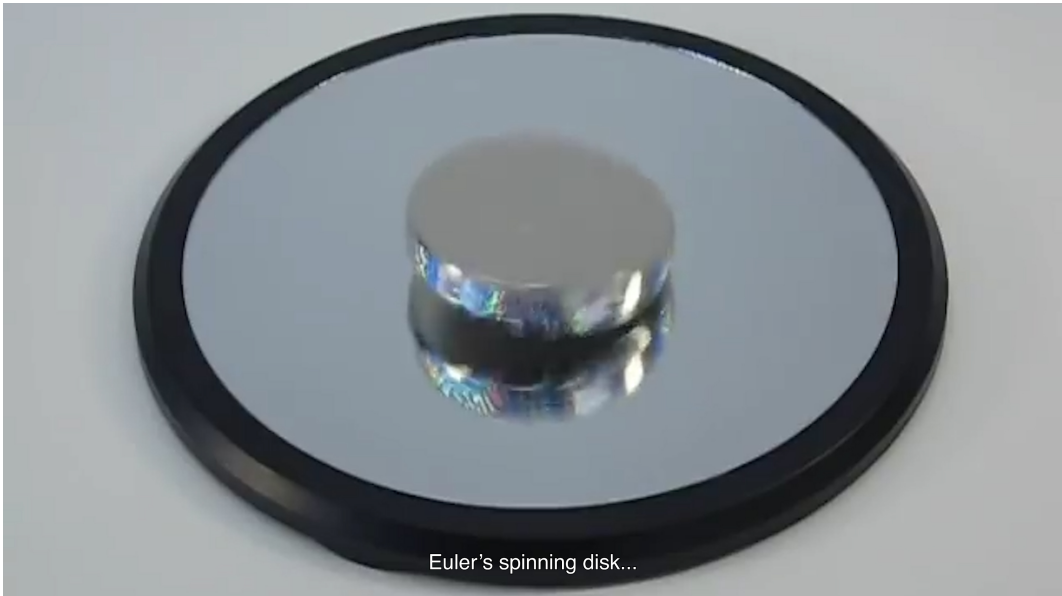
feeling like one is on *autopilot*.

















ANEXO I — Versão original dos textos que foram traduzidos

1. — Página 10

J'écris parce qu'ils ont laissé en moi leur marque indélébile et que la trace en est l'écriture : leur souvenir est mort à l'écriture (Perec 1975)

2. — Página 11

l'espace (suite et fin)

J'aimerais qu'il existe des lieux stables, immobiles, intangibles, intouchés et presque intouchables, immuables, enracinés; des lieux qui seraient des références, des points de départ, des sources :

(...)

De tels lieux n'existent pas, et c'est parce qu'ils n'existent pas que l'espace devient question, cesse d'être évidence, cesse d'être incorporé, cesse d'être approprié. L'espace est un doute: il me faut sans cesse le marquer, le désigner ; il n'est jamais à moi, il ne m'est jamais donné, il faut que j'en fasse la conquête.

Mes espaces sont fragiles : le temps va les user, va les détruire : rien ne ressemblera plus à ce qui était, mes souvenirs me trahiront, l'oubli s'infiltrera dans ma mémoire (...)

L'espace fond comme le sable coule entre les doigts. Le temps l'emporte et ne m'en laisse que des lambeaux informes :

Ecrire : essayer méticuleusement de retenir quelque chose, de faire survivre quelque chose : arracher quelques bribes précises au vide qui se creuse, laisser, quelque part, un sillon, une trace, une marque ou quelques signes. (Perec 1974)

3. — Página 13

The self-manifestation of the primary act is self-consciousness. (Oken 1847)

4. — Página 14

B. MOTION, TIME. (Second form of the Primary Act.)

72. The primary idea operates only, while it posits; through positing, however, arises a succession of positing, or numbers; positing and successive positing are one. The function of the primary idea consists in an eternal repetition of the essence; the primary act is a continuous self-repeating act. Repetition of the primary act devoid of another substratum is Time. (...) Time is the infinite succession of numbers or the mathematical nothings. The mathematising, numbering act is Time. Numbers, however, are Singulars or finitudes, which constitute the world.

73. Time is infinite, for it is the totality of positing; it is only the points or numbers in it that are the Finite.

74. All things are created in time; for time is the totality of Singulars. Time is no stationary quantity, which is always changing itself into something new during its progressive flux. It is not a continuous stream, but a repetition of one and the same act, namely, the primary act, like as it were to a rolling ball, which constantly returns upon itself. There is no endless, still less an eternal thing; for things are only positions of time. Time itself is, however, only repetition, and thus also a suppression of these positions. The vicissitude of things is in fact time; if there be no change, there is also no time. Time is an universal property of things. Exemption from time is only in the Eternal.

75. Time, not being itself the Finite, but creating it, is not itself a Real, but still an Ideal, a form only of the primary act, an idea, with which finite things have been directly posited. Time is the act of numbering; numbering is thinking; thinking is time. Our thinking is our time. In sleep there is no time for us. (...) Time is not of earthly but heavenly descent or origin. In so far a divine quality belongs to all finite things. They are divine, in so far as they are time; terrestrial, in so far as they are evanescent moments of time. (Oken 1847)

5. — Página 16

He wrote me that the Japanese secret — what Lévi-Strauss had called the poignancy of things — the implied faculty of communion with things, of entering into them, of being

them for a moment. It was normal that in their turn they should be like us: perishable and immortal. (Marker 1983)

6. — Página 17

It needs must be that what can be thought and spoken of is; for it is possible for it to be, and it is not possible for; what is nothing to be. (Parménides 500BC)

7. — Página 19

Je crois, c'est-à-dire, non pas que je prenne à mon compte ce que dit l'Église sur ces points, pour l'affirmer comme on affirme des faits d'expérience ou des théorèmes de géométrie ; mais que j'adhère par l'amour à la vérité parfaite, insaisissable, enfermée à l'intérieur de ces mystères. (Weil 1962)

8. — Página 20

Simone Weil's politics were peculiar in the extreme. She sought to conjoin with a partly ideal of the organic state a sense, both raging and enraged, of the humiliation and suffering visited on industrial labor. By a twist of logic, this young Jew of the French para-Marxist left came to make a series of approbatory comments on Hitler. (...) But here lies at the core of her paradoxes and desolation a personal test of rare integrity. Three times, between December, 1934, and late August, 1935, this frail intellectual worked in heavy industry, under pressures and humiliations that almost drove her mad. When she invoked Robespierre, when she fantasised about a centralizes revaluation and spiritualisation of labor, Weil spoke at first hand. Radical chic was anathema to her. (George Steiner 1992)

9. — Página 20

At her most lucid, Weil strikes one as a bizarre hybrid, an anarchic Platonist, who would abdicate to the powers of the state whatever is needed to give privacy to the soul. (...) Her dowsing is at once absurd and eerie. Acute Hellenist though she was, Weil was not above distorting and almost falsifying the manifest intent and context of the ancient

Greek words. (...) Her readings of Plato are so selective as to border on travesty.
(George Steiner 1992)

10. — Página 21

(...) Ce monde est la porte fermée. C'est une barrière. Et, en même temps, c'est le passage.

Deux prisonniers, dans des cachots voisins, qui communiquent par des coups frappés contre le mur. Le mur est ce qui les sépare, mais aussi ce qui leur permet de communiquer. Ainsi nous et Dieu. Toute séparation est un lien.

(...) Les choses créées ont pour essence d'être des intermédiaires. Elles sont des intermédiaires les unes vers les autres, et cela n'a pas de fin. Elles sont des intermédiaires vers Dieu. Les éprouver comme telles.

Les ponts des Grecs. – Nous en avons hérité. Mais nous n'en connaissons plus l'usage. Nous avons cru que c'était fait pour y bâtir des maisons. Nous y avons élevé des gratte-ciel où sans cesse nous ajoutons des étages. Nous ne savons plus que ce sont des ponts, des choses faites pour qu'on y passe, et que par là on va à Dieu.

(...) Il faut accrocher son désir à l'axe des pôles.

Qu'est-ce qu'il est sacrilège de détruire ? Non pas ce qui est bas, car cela n'a pas d'importance. Non pas ce qui est haut, car, le voudrait-on, on ne peut pas y toucher. Les metaxu. Les metaxu sont la région du bien et du mal.

(...) Le temporel n'ayant de sens que par et pour le spirituel, mais n'étant pas mélangé au spirituel. Y menant par nostalgie, par dépassement. C'est le temporel comme pont, comme metaxu. C'est la vocation grecque et provençale.

Civilisation des Grecs. Aucune adoration de la force. Le temporel n'était qu'un pont. Dans les états d'âme, on ne cherchait pas l'intensité, mais la pureté. (Weil 1947)

11. — Página 23

— *But, on the other hand, Socrates, said Parmenides, if instead someone, fixing his attention on all the present issues and others of the same kind, will not concede that there are Forms of the things that are, and will not define a Form for each one [of them], he will not have anything to turn his thought to, since he won't allow that foreach of "the things that are", there is a concept that is always the same. And by doing this he will completely destroy the power of discourse. But you seem to me to have perceived that quite well.*

(...)

— *What, then, will you do about philosophy? Where will you turn, if these things remain unknown to you?*

(...)

— *You are quite right, Parmenides answered, but in addition to that, you must also do this: examine the consequences of each hypothesis — that is, not only hypothesise "if a thing is" but also "if that same thing is not" — if you want to be trained more thoroughly. (Platão 370BC)*

12. — Página 25

— *And whenever, being in motion, it comes to rest, and whenever, being at rest, it changes to moving, it itself must somehow be in no time at all.*

— *How is that?*

— *It will not be able to be initially at rest and afterwards in motion, or initially in motion and afterwards at rest, without changing.*

— *Of course not.*

— *But there is no time in which something can, simultaneously, be neither in motion nor at rest.*

— *Certainly not.*

- *But surely, neither does it change without changing.*
- *Hardly.*
- *So when does it change? For this happens neither when it is at rest, nor when it is in motion, nor when it is in time.*
- *No, it does not.*
- *Is there, then, this oddity in which it would be just when it changes?*
- *What kind of oddity?*
- *The instant. The instant seems to signify the kind of thing from which there is changing in each of two directions. For something does not change from rest while it is still resting, or from motion while it is still moving. But the instant, that odd-natured thing, sits between motion and rest — being in no time at all — and what moves into it and out of it changes to resting and what rests changes to moving.*
- *Quite likely.*
- *And the one, if it indeed is both at rest and in motion, would change in each of two directions, for only in this way could it do both. But in changing, it changes in an instant, and when it changes, it would be in no time at all, and [at that point] it would be neither in motion nor at rest.*
- *No, it would not. (Platão 370 BCE)*

13. — Página 25

Unlike most interpreters, Heidegger actually finds in the dialogue a positive solution, or at least a profound indication of a solution, to this problem. What makes the dialogue Parmenides uniquely radical is the fact that this solution explicitly involves temporality. (Backman 2007)

14. — Página 25

Dasein confronts every concrete situation in which it finds itself (into which it has been thrown) as a range of possibilities for acting (onto which it may project itself). (Wheeler 2011)

Referências

- Alves, R., & Delgado, C. (1997). *Processos Estocásticos*. (2024) <https://hdl.handle.net/10216/71434>
- Amand, A. (2018). Georges Perec. L'écriture contrainte aux abords du corps. *Figures de La Psychanalyse*, 36(2), 183. (2024) <https://doi.org/10.3917/fp.036.0183>
- Backman, J. (2007). All of a sudden: Heidegger and Plato's parmenides. *Epoché: A Journal for the History of Philosophy*, 11(2), 2. (2024) <https://doi.org/10.5840/epoche200711219>
- Burnet J. (1892). *Early Greek Philosophy*. Adam and Charles Black.
- Heidegger, M. (1962). *Being and Time* (J. Macquarrie & E. Robinson, Trad.). Blackwell. (Original publicado em 1927).
- Hermann A., Hedley D. & Chrysakopoulou S. (2010). *Plato's Parmenides: Text, Translation & Introductory Essay*. Parmenides Publishing.
- Infopédia. (n.d.). *radioestesia* | *Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa*. Infopedia.pt - Porto Editora. (2024) <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/radioestesia>
- Marker, C (Director), Stewart A. & Dauman A. (1983). *Sans soleil*. Argos Films.
- Mercier, T. (2023, April 27). *Georges Perec : une vie décodée*. Nonfiction. (2024) <https://www.nonfiction.fr/article-11702-georges-perec-une-vie-decodee.htm>
- Oken, L. (1847). *Elements of Physiophilosophy* (Alfred Talk Trad.). Ray Society. (Original publicado em 1809).
- Palmer, J. (2016). *Parmenides*. Stanford Encyclopedia of Philosophy. (2024) <https://plato.stanford.edu/entries/parmenides/>
- Parmenides.. *Poem of Parmenides : on nature* (J. Burnet, Trad.).
- Perec, G. (1974). *Espèces d'espaces*. Editions Galilée.
- Perec, G. (1975). *W Ou Le Souvenir D'Enfance*. Gallimard.
- Pereira, J. C. (2023). *M. Heidegger; H.-G. Gadamer; P. Ricoeur: temas de estética* (Coleção Lições de Arte e Design, Vol. 4). Centro de Investigação e de Estudos em Belas Artes, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa. (2024) <http://hdl.handle.net/10451/59428>

- Rickless, S. (2015). *Plato's Parmenides* (*Stanford Encyclopedia of Philosophy*).
Stanford.edu. (2024) <https://plato.stanford.edu/entries/plato-parmenides/>
- Steiner, G. (1992, March 2). *Books — Bad Friday*. *The New Yorker*. (2024) <https://archives.newyorker.com/newyorker/1992-03-02/flipbook/086/>
- Tatcher, M. (2023). *Heidegger's Answer to Plato's Parmenides* (*Sophia*, Vol. 63, pp. 345–361). Springer. (2024) <https://doi.org/10.1007/s11841-023-00983-y>
- Thurman, J. (2024, September 2). *The Supreme Contradictions of Simone Weil*. *The New Yorker*. (2024) <https://www.newyorker.com/magazine/2024/09/09/simone-weil-a-life-in-letters-robert-chenavier-andre-a-devaux-book-review>
- Weil, S. (1947). *La pesanteur et la grace*. Plon.
- Weil, S. (1962). *Pensées sans ordre concernant l'amour de Dieu*. Gallimard.
- Wheeler, M. (2011). *Martin Heidegger* (*Stanford Encyclopedia of Philosophy*).
Stanford.edu. (2024) <https://plato.stanford.edu/entries/heidegger>
- Yvan, F. (2005). Figure(s) de l'analyste chez Perceval. *Savoirs et Clinique*, 6(1), 141.
(2024) <https://doi.org/10.3917/sc.006.0141>